

# Motû nas narrativas do Ciclo de Ba'lu e Anatu e seus possíveis reflexos na Bíblia Hebraica

## Motû in the narratives of the Ba'lu and Anatu Cycle and its possible reflections in the Hebrew Bible

## Motû en las narrativas del Ciclo Ba'lu y Anatu y sus posibles reflejos en la Biblia Hebraica

Douglas de Souza Pedrosa\*

Submetido em: 15-5-2022

Aceito em: 22-12-2022

\* Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)

douglaspedrosasf@gmail.com



### RESUMO

O Ciclo de Ba'lu e Anatu foi preservado em seis tabletes de argila e é composto por três narrativas. Esses mitos, classificados por KTU 1.1-6, fazem parte dos textos mitológicos encontrados em Ugarit. À vista disso, buscou-se, neste trabalho realizar uma discussão sobre a origem de Deus Motû nos textos de Ugarit e suas possíveis reverberações nos textos da Bíblia Hebraica. Para conduzir esse introdutório estudo, em princípio dialogamos com bibliografias que nos possibilitam identificar as características do Deus Motû e sua presença nos textos de Ugarit. Consequentemente, a partir disto, restringimos o estudo à duas questões, especificamente: a influência que o Deus Motû possui nas narrativas mitológicas do Ciclo de Ba'lu-Anatu e, por fim, a possível correlação entre Motû dos textos de Ugarit e a expressão *mawet* na Bíblia Hebraica.

**Palavras-chave:** Textos de Ugarit; Ciclo de Ba'lu e Anatu; Motû em Ugarit; Motû na Bíblia Hebraica.

### ABSTRACT

The Ba'lu and Anatu Cycle has been preserved on six clay tablets and comprises three narratives. These myths, classified by KTU 1.1-6, are part of the mythological texts found at Ugarit. This work sought to carry out a discussion about the origin of the Motû in Ugaritic texts and its possible repercussions in the texts of the Hebrew Bible. In principle, to conduct this introductory study, we dialogue with bibliographies that allow us to identify the characteristics of Motû and its presence in the texts of Ugarit. Consequently, we restrict the study to two questions: the influence that the Motû has on the mythological narratives of the Ba'lu-Anatu Cycle and, finally, the possible correlation between Motû of the Ugaritic texts and the expression *mawet* in the Hebrew Bible.

**Keywords:** Texts from Ugarit; Ba'lu and Anatu Cycle; Motû in Ugarit; Motû in the Hebrew Bible.

### RESUMEN

El Ciclo Ba'lu y Anatu se ha conservado en seis tablillas de arcilla y comprende tres narraciones. Estos mitos, clasificados por KTU 1.1-6, son parte de los textos mitológicos encontrados en Ugarit. En vista de eso, este trabajo buscó realizar una discusión sobre el origen de Deus Motû en los textos de Ugarit y sus posibles reverberaciones en los textos de la Biblia hebrea. Para realizar este estudio introductorio, en principio dialogamos con bibliografias que nos permitan identificar las características de Deus Motû y su presencia

en los textos de Ugarit. En consecuencia, a partir de ello, restringimos el estudio a dos cuestiones, concretamente: la influencia que tiene el Deus Motû en las narraciones mitológicas del Ciclo Ba'lu-Anatu y, finalmente, la posible correlación entre Motû de los textos ugaritas y la expresión mawet en la Biblia hebrea.

**Palabras clave:** Textos de Ugarit; Ciclo Ba'lu y Anatu; Motû en Ugarit; Motû en la Biblia hebrea.

## Características de Motû

Mot/Motû é identificado na literatura ugarítica por *mt* e, etimologicamente, significa morte. Ele é um deus que habita o subterrâneo e se opõe a fertilidade, sendo um dos principais inimigos de Ba'lu. Mot é a palavra hebraica para “morte” e o nome da divindade Cananéia (HEALEY, 1999, p. 598).

Diversos estudiosos até propuseram explicar o nome do Deus ugarítico Motû como um cognato da palavra acadiana Motû, que significa “homem”. No entanto, a maioria dos pesquisadores adotam o nome Motû no sentido de “morte”. Assim, o Deus Motû (Morte), exprime o deus que consome todo tipo de vida e vitalidade, cuja função é causar a morte no sentido mais amplo possível. Além disso, Motû também é símbolo de forças opostas a fertilidade, como reconhecido no Ciclo de Ba'lu, onde se mostra como adversário de Ba'lu, o Deus da fertilidade/vida. “Em relação a outras divindades importantes, Motû não consta nas listas oficiais do panteão de Ugarit<sup>1</sup> e encontra-se ausente dos textos de oferendas e cultos. Além de tudo, importa dizer que não existem achados arqueológicos de alguma iconografia relacionada a Motû” (HEALEY, 1999, p. 599; CASSUTO, 1962).

## Os epítetos de Motû

Para contornar à ausência de achados arqueológicos relacionadas à iconografia de Motû e sua presença em textos ugaríticos de culto, torna-se fundamental estabelecer um outro caminho para identificar sua presença. Portanto, um método possível para este exame são os epítetos<sup>2</sup> alusivos à Motû, os quais possuem as seguintes definições:

- Consiste em uma ou mais palavras que expressam características de certa divindade e descreve seu papel no mundo ou sua conexão com outra divindade ou grupo de divindades dentro do panteão ou

---

<sup>1</sup> Atual Ras Shamra, situada na costa norte do leste Mediterrâneo, a cerca de 1 km do Mar Mediterrâneo e 345 km ao norte de Damasco.

<sup>2</sup> A classificação de epítetos e a sua análise segue a obra de Aicha Rahmouni, *Divine Epithets in the Ugaritic Alphabetic Texts*, Leiden; Boston, 2008.

até com a própria humanidade.

- Refere-se a uma única divindade em algum contexto, não a um grupo de deuses;
- Também são considerados epítetos quando, pelo menos, um componente seja comum ao substantivo.

Abaixo são apresentados os epítetos de Motû e os textos em que aparecem:

– Epíteto 27 - *bn ilm mt* “o filho de El, *Môtu*” (KTU 1.3; 1.4; 1.5; 1.6; 1.133)<sup>3</sup>

– Epíteto 61 - *ydd* “o amado” (KTU 1.5)

– Epíteto 62 - *ydd il zr* “o amado de El, o herói” (1.4–1.6; 1.133)

– Epíteto 71 - *mdd ilm mt* “o amado de El, Motû” (KTU 1.4)

Como pode ser observado acima, grande parte dos epítetos concernentes à Motû associam-se às características positivas, como filho e amado de El. Entretanto, Pardee (1989) relaciona os epítetos negativos a Motû, como por exemplo, *mt-w-šr*,<sup>4</sup> e o interpreta como algo que é mal e mortal da parte do Deus.

## O Ciclo de Ba’lu e Anatu

Um dos principais textos de Ugarit é o ciclo de Ba’lu e Anatu, formado por três mitos:<sup>5</sup> A luta de Ba’lu contra Yammû (KTU 1.1–1.2), a construção do palácio de Ba’lu (KTU 1.3–1.4) e a luta de Ba’lu contra Motû (KTU 1.5–1.6). As interpretações sobre as narrativas mitológicas do Ciclo de Ba’lu e Anatu são variadas e, de acordo com Souza e Lima (2019, p. 3), as possibilidades de interpretação seriam: Interpretação ritual; interpretação sazonal; teoria cosmogônica; conflito “força da vida *versus*

---

<sup>3</sup> KTU é a sigla para Keilalphabetischen Texte aus Ugarit. Esse é o sistema de referência dos textos ugaríticos utilizado pelos estudiosos desse assunto. Os textos não foram compilados pela ordem de escavação, mas segundo uma classificação. Podemos entender essa classificação da seguinte maneira: o número 1, no início da referência, significa que se trata de textos literários e textos religiosos (o número 2, no início, por exemplo, classifica as cartas, e assim consecutivamente). O outro número ordinal que aparece na referência corresponde a tabuleta em que o texto está localizado, e o numeral romano indica a coluna do texto. (SOUZA; LIMA, 2019, p. 3)

<sup>4</sup> Esse epíteto, aparece no texto KTU 1.23, associado ao culto de fertilidade.

<sup>5</sup> Há extensos trabalhos na busca da classificação de mito, porém adotamos neste texto duas definições complementares: 1) a simples expressão do professor Rui Josgrilberg (2014): “Mito” significa palavra e como palavra o mito diz algo e 2) seguindo a definição do Croatto (2010), onde o mito é instaurador de realidades significativas. Para um estudo mais detalhado sobre as teorias do mito, consulte Percy S. Cohen em “Theories of Myth”, no documento “Man”, *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 4, n. 3, Sept. 1969.

potência da morte” e a exaltação de Ba’lu como rei. Entretanto, neste trabalho não delimitamos a explicação das narrativas (KTU 1.1-6) à luz de uma única perspectiva, mas discutimos o mito da luta de Ba’lu contra Motû (KTU 1.5-1.6) e adotando uma ótica mais ampla, onde os mitos são fundamentalmente narrativas de conflito e resolução.

## Motû nos textos de Ugarit

Os tabletes que contém informações sobre Motû são KTU 1.4; 1.5; 1.6; 1.23; 1.119; KTU 1.127, visto que os tabletes KTU 1.4, 1.5 e 1.6 fazem parte da narrativa mitológica do Ciclo de Ba’lu e Anatu. Além disto, vale acentuar que KTU 1.4 faz referência a Motû mas não envolve a divindade em qualquer diálogo; muito pelo contrário: Motû, o Deus da morte, é apenas citado em KTU 1.4. VII 37-52, no chamado *Monólogo de Ba’lu*. Sua aparição como Deus da morte na segunda narrativa se dá após um longo percurso em prol da construção do palácio para Ba’lu. Até Motû realmente aparecer, temos detalhadamente<sup>6</sup> as ações em favor dessa construção e o que encontramos nesse extenso trajeto são diálogos e os arranjos entre as divindades em prol desta única finalidade.

Todavia, vale ressaltar que, como Motû não aparece em textos dos cultos de Ugarit, isso nos sugere que ele não era uma divindade adorada como outras do panteão e, além disso, Motû também se encontra ausente da lista de ofertas dedicadas aos deuses e deusas de Ugarit. Dessa forma, apontamos que Motû vivia literalmente no submundo, não sendo objeto de adoração como eram as outras divindades do panteão.

As primeiras colunas do tablete KTU 1.4 (I-III) vão tratar da reclamação de Ba’lu por não ter um palácio e das ações de Kôtaru e Anatu junto dele para alcançar tal objetivo. Inicialmente, os relatos apresentam Ba’lu e Anatu diante de Atiratu. Inclusive, a mãe dos deuses recebe a visita dos filhos com um certo temor, mas ao ver os presentes Atiratu ela logo se tranquiliza, pois sabe que estes vieram em paz.

Após esse primeiro encontro, que envolveu um grande banquete, Atiratu e Anatu vão em direção a El para interceder por Ba’lu. El recebe Atiratu com satisfação (1.4 IV 27-39), ao passo que ela abre seu discurso elogiando sua sabedoria. Logo após, a mãe dos deuses também se põe a elogiar Ba’lu até que finalmente Atiratu apresenta para El o lamento do filho, que é o fato de não ter um palácio para si mesmo (1.4 IV 40-57).

---

<sup>6</sup> Exceto a parte do lamento de Ba’lu (KTU 1.4 III 10-22). Há um grande hiato entre o final da coluna II e o início da coluna III (OLMO LETE, 1981, p. 123).

Depois desta solicitação, El autoriza a construção e Atiratu dá ordens para que Anatu informe a Ba'lu sobre tal permissão. Certamente, Ba'lu recebe com grande alegria a informação da autorização que El lhe concedeu (1.4 V 35-43) e então começa a executar as instruções dadas por Atiratu através de Anatu (Souza; Lima, 2019). Ele inicia os preparativos para a construção do palácio e convoca Kôtaru para supervisionar o projeto.

No desfecho, Ba'lu prepara um banquete para celebrar a conclusão do palácio. Ele convida, portanto, os filhos de Atiratu para sua festa, isto é, todo o panteão das divindades. Após a celebração em seu palácio, Ba'lu faz uma espécie de *tour* triunfal pelas cidades do mundo, o que descreve a marcha da sua vitória pelas cidades e aldeias que estão sob seu domínio (SOUZA; LIMA, 2019, p. 9).

Finalmente, conforme visto no parágrafo acima, é possível inferir que Ba'lu alcançou o que tanto almejava. Seu palácio no Monte Saphan, também chamado de lugar agradável (SMITH, 2018, p. 136), foi construído e festejado. Agora, dentre as narrativas, Ba'lu tem o seu último opositor, o Deus Motû.

## **O mito da luta de Ba'lu contra Motû (KTU 1.5–1.6)**

O mito da luta de Ba'lu contra Motû é a terceira narrativa do Ciclo de Ba'lu e Anatu está delimitado nos dois últimos tabletes. De acordo com Cassuto (1962, p. 80), Motû, representando todo o tipo de morte, se vangloria de derrotar o seu opositor, Ba'lu e diz:

No tablete I\* AB, quando Mot se gaba de matar seu rival, Ba'lu, e mandá-lo para o Sheol, ele descreve seu próprio caráter e atos nas seguintes palavras:

Como a ganância da leoa pelo deserto,  
E a saudade do golfinho pelos mares,  
Como o búfalo suspira pelas piscinas,  
E o veado suspira pelas fontes das águas,  
Assim é minha ganância (rasgar) matar, matar,  
Assim, é meu desejo matar montes e montes;  
Com minhas duas mãos eu como,  
Sete porções me preparam,  
E um copo eles enchem para mim, é tão grande quanto um jarro.

Em seguida, ao relatar o episódio para Anatu, sobre o que fez com Ba'lu, a narrativa expressa o seguinte:

foi e vagou  
Cada vale até o coração da terra,  
Cada colina ao coração dos campos,  
Tirando a vida dos homens,  
Vida das pessoas da terra.

Bordreuil, Pardee e Olmo Lete concordam que o mito da luta de Ba'lu contra Motû pode ser analisado à luz da perspectiva sazonal. Nas palavras de Bordreuil e Pardee (2009, p. 17), uma das funções desse mito era acompanhar a renovação do ano agrícola, e é difícil encontrar um contexto climático mais adequado para tal mito do que uma “cultura da chuva”. Eles também observam que a narrativa envolve a Deusa Anatu, que controla as águas subterrâneas em suas nascentes, e Sapsu, a deusa do sol, que controla a evaporação das águas terrestres. Juntamente, as deusas trazem Ba'lu a vida recolhendo o seu corpo e o transportam para o seu palácio no Monte, localizado ao norte da cidade de Ugarit.

Segundo Olmo Lete (1981, p. 149), a oposição entre Ba'lu e Motû se refere a um ciclo de seca que durou sete anos e teria sua resolução no oitavo. Isso coincide com a ressurreição ou retornar à vida de Ba'lu e seria seguido por outro ciclo de fertilidade. Entretanto, Cassuto (1962, p. 79) vai além nas suas conclusões após analisar o mito, as quais se revelam muito pertinentes:

É difícil supor que um épico de proporções tão grandes e abrangentes, tão rico em episódios coloridos e em histórias de todos os tipos, que nos apresenta toda uma variedade de deuses e heróis, monstros e bestas, e retrata uma variedade desconcertante de batalhas e brigas, conversas e banquetes, criaturas e construções, não é mais do que uma alegoria de um fenômeno natural único e claramente definido, como o da seca da vegetação no verão quente e sua renovação na estação chuvosa. A concepção deve ser muito mais ampla do que isso. O mito da natureza descrito acima pode ter sido um dos elementos que compuseram a epopeia de Ba'lu e Motû, mas certamente não pode ter sido o único; e o épico como um todo deve ter tido um significado geral muito mais amplo do que o suposto pelos estudiosos citados.

Portanto, é possível concordar com a perspectiva que o ciclo de Ba'lu e Anatu, em especial o embate de Motû e Ba'lu, podem iniciar o seu significado na interpretação sazonal, visto sob as dificuldades estabelecidas nos trabalhos agrícolas. No entanto, ele faz parte de um contexto maior e está relacionado com a afirmação que consta no poema dos Deuses Graciosos e Justos: Motû segura a “vara do luto” e “a vara da viuvez” em sua mão (CASSUTO, 1962, p. 81). Dessa forma, a função de Motû, então, era ceifar a vida e causar a morte, no mais amplo significado desta concepção.

Cassuto se aproxima dessa conclusão e lança mais luz ao afirmar que o contraste sazonal é apenas um episódio da grande luta entre Motû, o deus da morte e que se tornou a personificação de todas as variadas forças que tendem a aniquilar a vida. Nesse sentido, Ba'lu também não é apenas o deus da chuva fertilizante, mas está associado ao deus do céu, da vida e a personificação de todas as forças doadoras, conservadoras e renovadoras deles.

Finalmente, o mito caminha para o desfecho ao apresentar o cenário do retorno de Ba'lu, após sua derrota para Motû. E com isso, de acordo com Souza e Lima (2019, p. 11), Ba'lu reinará por sete anos até que Motû reapareça e os dois se envolvam num novo combate, sendo este o último da narrativa e também o embate decisivo. Nesta ocasião, percebe-se que a superioridade de Ba'lu se impõe, e Môtû, seguindo o conselho de Sapsu, se rende a ele. Dessa maneira, o mito é concluído com a consolidação do trono de Ba'lu, quando ele é declarado vitorioso ao ter Motû se rendendo e curvando-se à sua soberania, após afirmar as seguintes palavras: “Ba'lu se assentará no trono de seu reino, no trono de seu domínio” (CASSUTO, 1962, p. 86).

## **Intertextualidade: ecos do Deus Motû na Bíblia Hebraica**

A Bíblia Hebraica reflete em seus textos o acolhimento e resposta do antigo Israel aos povos levantinos. Além disso, é preciso enxergar o Levante com menos demarcações de fronteiras e mais como um mosaico (PORZIA, 2018, p. 13). Quando adotada essa perspectiva, os textos ugaríticos podem nos ensinar sobre a herança literária e religiosa de Israel (SMITH, 2007, p. 3). Além do que, em relação à mitologização da morte, podemos notar que esse assunto na mesopotâmia aparece apenas no sétimo século, em um texto assírio, ao descrever uma visão do submundo. Dessa maneira, a principal evidência neste assunto vem dos textos mitológicos ugaríticos, no entanto, apesar do cenário de interações no Levante, não é possível afirmar com precisão que tais vocabulários na Bíblia Hebraica são sempre fruto e ressonâncias dos textos ugaríticos. Também não se pode negar que o antigo Israel fez os movimentos de rejeição e de apropriação permanentemente dos textos ugaríticos.

A palavra hebraica para morte é *mawet* (מָוֶת) e tem o mesmo lexe-ma do vocábulo Motû no ugarítico. Anteriormente neste trabalho, foram apresentadas possíveis definições etimológicas e as características de Motû como divindade nos mitos ugaríticos. Nesta seção visamos, portanto, correlacionar suas ressonâncias no texto hebraico. Para esta abordagem, foi adotado o método descrito por Cassuto (1962, p. 82):

Um estudo cuidadoso dos versículos em que a palavra *mawt* ocorre mostrará que, em vários casos, essa palavra não denota o conceito abstrato de morte, mas é usada como o nome pessoal de um ser específico, uma espécie de personificação da morte muito semelhante ao mot cananeu. Em Hab. 2:5, por exemplo, lemos: 'Sua ganância, (Heb. מְנַת) é ampla como o *Sheol*, como *Mawet* ele nunca tem o suficiente. Este versículo é muito semelhante tanto em conteúdo quanto em terminologia (נפש) às palavras de Mot citado acima; e o paralelismo aqui entre *Sheol* e *Mawet* prova que os dois conceitos foram identificados pelos israelitas também, assim como foram pelos cananeus. Novamente, em Is. 5:14, diz-se da multidão que desce ao *Sheol* portanto, o *Sheol* aumentou seu apetite (Heb. נִלְשָׁה) e abriu sua boca além da medida - mais uma vez as mesmas expressões e os mesmos conceitos (cf. Prov. 1:12; 27:20; 30:15-16). Em ainda outra passagem – Jó 18:13 – encontramos: o primogênito de *Mawet* consome seus membros/ Aqui *Mawet* é um ser definido que tem um filho primogênito e este filho personifica as várias doenças, assim como, na mitologia da Babilônia, eles foram personificados por *Namtar*, o filho primogênito de *Ereskigal*, a rainha do submundo. De tudo isso fica claro que os antigos israelitas imaginavam *Mawet* como uma espécie de diabo governando o *Sheol*. Em Jó 18:14, Bildade chama esse diabo de "o rei dos terrores" (בְּלִקְוֹת), sendo esta palavra um sinônimo de *Sheol*, como é evidente em Ez 27:36 e 28 בְּלִקְוֹת קִיִּית וְאִיגָג. Da mesma forma, a metáfora em Jer. 9:21 (MT 9:20): pois a morte (Heb. מָוֶת) subiu em nossas janelas, ela entrou em nossos palácios ' é claramente explicado pela passagem na tabuinha II AB, v-vi, que descreve como, quando o palácio de Ba'lu estava sendo construído, Ba'lu proibiu seu arquiteto de fazer qualquer janela na estrutura, por medo de que Mot poderia entrar por elas para matar suas esposas. Parece ter sido uma concepção bem fundamentada na tradição que *Mawet* Mot tinha o hábito de entrar nas casas pelas janelas.

O primeiro exemplo possível da reprodução do imaginário de Motû na Bíblia Hebraica está em Is 25,8:

בִּלְעַ הַמּוֹת לְנֶצַח וּמָחָה אֲדֹנָי יְהוִה דְּמַעָה מֵעַל כָּל-פְּנִים וְחָרַפְתָּ עִמּוֹ  
סִיר מֵעַל כָּל-הָאָרֶץ כִּי יְהוִה דְּבַר: פ

Engoliu a morte por tempo perpétuo e enxugará as lágrimas sobre a face do seu povo e removerá o opróbrio de toda a terra, pois YHWH falou.

Nos textosugaríticos, só o ato de se aproximar de Motû já é considerado perigoso, pois os documentos informam que a divindade possui um lábio voltado para a terra e o outro para os céus. Dessa forma, a distância



de Motû é importante também para que ele não te faça como um cordeiro em sua boca e, como uma criança, você não seja esmagado no mastigar de suas mandíbulas, conforme explícito em KTU 1.4 viii: 17-20. No texto bíblico acima, a morte é temível, mas não invencível. YHWH é superior a este cenário! O texto de Is 25,8 o apresenta tragando a morte, isto é, YHWH engolindo o engolidor.

O segundo exemplo apresentado aqui será o texto de Is 9,1 que, embora seja um possível eco de Motû na Bíblia Hebraica, poucos analisam a narrativa.

הָעַם הַהֵלְכִים בְּחֹשֶׁךְ רָאוּ אֹר גָּדוֹל יִשְׁבִּי בְּאֶרֶץ צְלֻמוֹת אֹר נִגְהַ  
עֲלֵיהֶם:

O povo que andava na escuridão viu a grande luz e ela brilhou sobre os que habitam em terra com profunda escuridão.

Não obstante, de acordo Healey<sup>7</sup> deve ser feita a menção do possível aparecimento do nome divino Motû na palavra hebraica *צְלֻמוֹת*, mencionada no texto bíblico acima. Basta observar que o elemento *mwt* originalmente tem sido a palavra ‘morte’ e talvez até mesmo o nome da divindade. Assim, neste contexto, *mawet/môt* pode ter indicado o superlativo gramatical (sombra da morte, escuridão), convidando o contraste com o uso de *el/* *elohim* em expressões superlativas. Finalmente, Matos (2020, p. 5) reforça que na Bíblia Hebraica temos o *sheol* como lugar dos mortos (Sl 6,5) e, para alcançá-lo, a única informação que encontramos é o “descer ao *sheol*” (Gn 37,35; 43,38), isso sem mencionar o “levantar da montanha”. Também, não há descrição de nenhuma deidade que habite esse submundo, ele é apenas o lugar dos que morrem. Apesar disso, de todo modo, há a aproximação do imaginário, visto que própria morte se torna inimiga de YHWH na Bíblia Hebraica.

## Conclusão

A partir desse trabalho foi possível analisar o Deus Motû como um elemento que aparece nos textos Ugaríticos se opondo a toda expectativa de vida. Esta sua oposição pode ser encontrada nas narrativas mitológicas e também nos específicos achados arqueológicos sobre os rituais funerários. Além disso, o introdutório estudo demonstrou que Motû é uma personagem

---

<sup>7</sup> O autor discute outras possibilidades da aparição de Motû na Bíblia Hebraica. Para mais detalhes, consultar *Divine Epithets in the Ugaritic Alphabetic Texts*, 1999, p. 598-602.

complexa: ele não aparece nos textos litúrgicos, está ausente da lista de ofertas e não possui representações iconográficas. Ainda assim, localiza-se na centralidade quanto à guerra de fertilidade e infertilidade. Além disso, visamos apresentar, também, que a associação de Motû aos elementos de morte e infertilidade foram encontrados nos textos da Bíblia Hebraica como possíveis reverberações das fontes ugaríticas, sobretudo a partir dos textos relacionados ao *sheol*, “o lugar dos mortos”.

Ademais, quando se está diante das associações de Motû à morte, algumas questões nos são esclarecidas, a partir da pesquisa que realizamos: a) a população de Ugarit atribuía à Motû a escassez na colheita e, b) mais que tudo, a divindade fazia parte do imaginário dos habitantes de Ugarit (e, possivelmente, de outras etnias levantinas), ao se deparar com qualquer representação da morte, seja humana, animal ou vegetal.

Em conclusão, ressaltamos que outras respostas às questões aqui introduzidas requerem uma investigação mais extensa, dada a complexidade dos textos de Ugarit. No entanto, este texto procurou abordar os aspectos relevantes sobre a presença de Motû no ciclo de Ba’lu e Anatu e suas possíveis ressonâncias nos textos bíblicos, isso à luz da seguinte concepção: Motû é uma divindade cujos elementos tratam de toda forma da ausência de vida.

## Referências bibliográficas

- BORDREUIL, Pierre; PARDEE, Dennis. *A manual of Ugarit*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2009.
- CASSUTO, U. Ba’lu and Mot in the Ugaritic texts. *Israel Exploration Journal*, v. 12, n. 2, p. 77-86, 1962.
- CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- GALHANO, J. P. Teixeira da Silva. *Espaço, tempo e poder nos mitos de Hatti, de Ugarit e de Hesíodo: uma morfologia comparativa*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012.
- HEALEY, J. F. *Mot in Dictionary of Deities and Demons in the Bible*. Leiden: Brill, 1999.
- JOSGRILBERG, R; LAUAND, J. *Estudos em antropologia e linguagem*. São Paulo: Facthash Editora, 2014.
- LOUVRE MUSEUM. In: <https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010141446> > acessado 28/04/2021.
- MATOS, Sue’Hellen Monteiro de. Os inimigos de Ba’lu e Anatu: o caos no Ciclo de Ba’lu e Anatu e suas ressonâncias nos textos da Bíblia Hebraica. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 50, n. 2, p.1-9, jul.-dez. 2020.

- OLDENBURG, Ulf. *The conflict between El and Ba'lu in Cananite religion*. Leiden: Brill, 1969.
- OLMO LETE, Gregorio del. *Mitos y leyendas de Canaan segun la tradicion de Ugarit*. Madrid: Cristiandad, 1981.
- PARDEE, Dennis. Ugaritic proper nouns. *Archiv Für Orientforschung*, v. 36/37, p. 390–513, 1989.
- PORZIA, Fabio. “Imagine There’s no Peoples”. A claim against the identity approach in Phoenician studies through comparison with the Israelite field. *Rivista di Studi Fenici*, v. 46, p. 11-27, 2018.
- RAHMOUNI, Aicha. *Divine epithets in the Ugaritic alphabetic texts*, Leiden: Brill, 2008.
- ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997. (מָוֶת [morte] e עֲלֵמָוֶת [escuridão profunda]).
- SCHNIEDEWIND, Willian M.; HUNT, Joel H. *A Primer on Ugarit: Language, culture and literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- SOUZA, Quezia de Melo. Mitologia cananeia: a figura de Baal e seu culto no “Mito de Baal” de Ugarit. (Orientadora: Maria de Lourdes Correia Lima). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. *Departamento de Teologia*, p.1-16, 2019.
- SMITH, Mark S. *O memorial de Deus: história, memória e a experiência do divino no Antigo Israel*. São Paulo: Paulus, 2018.
- SMITH, Mark S. Recent study of Israelite religion in light of the Ugaritic texts. In: YOUNGER Jr., K. Lawson. *Ugarit at Seventy-Five*. University Park: Penn State University Press, 2007, p. 1-26, 2007.